



***Quatro negros*, a Literatura como forma de empoderamento da mulher**

Elaine dos Santos¹

Resumo

O presente estudo, de natureza bibliográfica, analisa parte da história da mulher no mundo ocidental, as influências religiosas, mitológicas, históricas, e literárias. Enfoca-se a novela *Quatro negros*, de Luis Augusto Fischer, que tem Janéti como personagem principal. A protagonista da obra subverteu a ordem social e econômica do seu universo de inserção, uma pequena cidade da região sul do Rio Grande do Sul, conseguiu manter os vínculos familiares e reunir os irmãos para que, com os pais, fossem morar em área urbana. Janéti parece ser um bom exemplo da mulher que supera os obstáculos para concretizar os seus objetivos, que não precisa depender do homem para realizar o seu projeto de vida vencedor, desse modo, ela torna-se um modelo para a discussão da figura feminina na nossa sociedade. Nas escolas, essa discussão parece ser pertinente entre alunas do ensino médio, quando elas estudam a história da Literatura e, ao mesmo tempo, passam a reconhecer-se como mulheres dentro de um meio excludente. Da mesma forma, a obra *Quatro negros* pode servir como motivo para colocar em pauta a importância da mulher professora, aquela que pode atuar como coadjuvante no empoderamento pessoal e de suas alunas, transformar, de modo gradual, o status quo, que impera desde séculos. Propõe-se levar a novela de Fischer para as salas de aula como incentivo à leitura, como incremento às discussões sobre o protagonismo feminino, para que as meninas entendam que são as responsáveis pela consecução dos seus projetos de vida e que elas nasceram vocacionadas para o sucesso.

Palavras-chave: Mulher. Literatura. Protagonismo feminino.

Abstract: This paper, bibliographical nature, analyzes women's history in Western world, religious, mythological, historical, and literary influences. It focuses a novel *Quatro negros*, of Luis Augusto Fischer, that Janéti has like main personage. The protagonist subverted a social and economic order in her insertion's universe of a small town in the southern region of Rio Grande do Sul, managed to maintain the family bonds and reunite the brothers so that, with the parents, they could live in an urban area. Janéti seems to be a good example of the woman who overcomes the obstacles to achieve her goals, that she does not have to depend on the man to accomplish her winning life project, thus she becomes a model for the discussion of the female figure in our society. In schools, this discussion seems to be pertinent among high school students, as they study the history of literature and, at the same time, begin to recognize themselves as women within an excluding environment. Likewise, the work *Quatro negros* can serve as a reason to emphasize the importance of the female teacher, one who can act as a coadjuvant in personal empowerment and of her students, gradually transforming the status quo, which has been around for centuries. It is proposed to take Fischer's novel to the classrooms as an incentive to reading, as an increment to the discussions about female protagonism, so that the girls

¹ Doutora Letras.

understand that they are responsible for the achievement of their life projects and that they were born vocation for the success.

Keywords: Woman. Literature. Female protagonism.

Resumen

El presente estudio, de naturaleza bibliográfica, analiza parte de la historia de la mujer en el mundo occidental, las influencias religiosas, mitológicas, históricas, y literarias. Enfoca la novela Cuatro negros, de Luis Augusto Fischer, que tiene Janéti como personaje principal. La protagonista de la obra subvirtió el orden social y económico de su universo de inserción, una pequeña ciudad de la región sur de Rio Grande do Sul, logró mantener los vínculos familiares y reunir a los hermanos para que, con los padres, fueran a vivir en área urbana. Janéti parece ser un buen ejemplo de la mujer que supera los obstáculos para concretar sus objetivos, que no necesita depender del hombre para realizar su proyecto de vida vencedor, de ese modo, se convierte en un modelo para la discusión de la figura femenina en la nuestra. sociedad. En las escuelas, esta discusión parece ser pertinente entre las alumnas de la enseñanza media, cuando ellas estudian la historia de la Literatura y, al mismo tiempo, pasan a reconocerse como mujeres dentro de un medio excluyente. De la misma forma, la obra Cuatro negros puede servir como motivo para poner en pauta la importancia de la mujer profesora, aquella que puede actuar como coadyuvante en el empoderamiento personal y de sus alumnas, transformar, de modo gradual, el status quo, que impera desde siglos . Se propone llevar la novela de Fischer a las aulas como incentivo a la lectura, como incremento a las discusiones sobre el protagonismo femenino, para que las niñas entiendan que son las responsables por la consecución de sus proyectos de vida y que ellas nacieron vocacionadas para el " éxito.

Palabras clave: Mujer. Literatura. Protagonismo femenino.

1 INTRODUÇÃO

A tradição Ocidental concedeu à mulher um papel subalterno e, para tal, contribuíram o Cristianismo, a mitologia, a Literatura, erigindo mitos sob os quais a mulher aparece na condição de culpada pela queda do homem, que se afasta do Éden, que passa a trabalhar e sustentar-se com o suor do seu rosto. Ela é ainda a responsável pela disseminação dos males no mundo, figura linda, mas decaída, senhora da vida – porque lhe foi dado o poder de gerar e parir, mas também senhora do infortúnio, da desgraça, da opressão.

A Literatura, por seu turno, sempre propiciou significativos personagens que marcaram a história da ficção ao longo dos anos. Uma das personagens mais relevantes, neste sentido, trata-se de *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert. A histeria de Emma Bovary consolidou a escola realista e o adultério tornou-se tema recorrente,

sendo punido, invariavelmente, com a morte, como foi o caso de Luisa, de *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, ou Capitu, de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis.

No presente estudo, opta-se pela novela de Luis Augusto Fischer, *Quatro negros* (2005), cuja protagonista é Janéti, inspirada em uma mulher, de carne e osso, ela é pobre, oriunda do meio rural e, ademais, negra. Contrariando os desígnios familiares, Janéti foi dada em adoção por duas vezes e, nos dois casos, retornou ao miserável lar paterno. Viu nascerem os seus irmãos e acompanhou o afastamento deles, também dados em adoção, manteve, ainda que à distância, um vínculo seu, de cunho afetivo e, quando os pais decidiram transferir-se para a cidade grande, Janéti encontrou os irmãos e conduziu-os a velha parada de ônibus, de modo que todos seguiram o destino que fora traçado pelos pais.

O narrador encontra-a adulta, empregada, com duas filhas, tendo subvertido o insucesso que, certamente, ser-lhe-ia garantido. Criou duas filhas, amparou os pais e conseguiu, ao seu modo, encaminhar os irmãos. Considera-se uma mulher vencedora, capaz de superar as adversidades que a sociedade consignaria para uma pessoa em suas condições.

O estudo em pauta parte de uma pesquisa de cunho bibliográfico, que recupera, pois, parte da história da mulher no Ocidente, alguns romances nacionais que tratam da temática para, a partir daí, refletir sobre a novela *Quatro negros*, postulando a sua inserção como pauta para discussão em escolas de educação básica de questões que visem ao empoderamento feminino, em conformidade com as ideias defendidas por Antonio Meneghetti.

O texto, além dessas considerações iniciais, traz as considerações teóricas e, na sequência, apresenta, a título conclusivo, algumas considerações tidas como finais, ponderando, porém, que se trata de um estudo em aberto a ser configurado em conformidade com as necessidades identificadas nas escolas, isto é, com o público alvo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na história do Ocidente, o Cristianismo concedeu à Eva a responsabilidade pelo pecado original. “Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do

seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também.” (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 21) Embora Adão tenha provado o fruto que lhe fora proibido por Deus, o castigo recaiu sobre a mulher, que passou a ser inimiga da serpente e a parir com dor, eximindo-se o homem de uma punição que se voltasse especificamente contra si ou contra o seu corpo:

Disse o homem: ‘Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi’.

O Senhor Deus perguntou então à mulher: ‘Que foi que você fez?’ Respondeu a mulher: ‘A serpente me enganou, e eu comi’.

Então o Senhor Deus declarou à serpente: Uma vez que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida.

Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar.

À mulher, ele declarou: ‘Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará’.

E ao homem declarou: Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu lhe ordenara que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento vocês e alimentará dela todos os dias da sua vida.

Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo.

Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó voltará. (BÍBLIA SAGRADA, 1990, p. 21/22)

Assim posto, o homem e a mulher deixaram o Jardim do Éden, porque conheceram o bem e o mal, cabendo, no entanto, à mulher o ônus do castigo, a expulsão do paraíso.

Na mitologia grega, a figura da mulher é representada por Pandora, produzida pelos deuses supremos do Olimpo para vingarem-se de Prometeu, que lhes roubara uma centelha de fogo, conforme descrito na *Teogonia* e em *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, ainda que as duas narrativas guardem certas diferenças entre si. Cumpre salientar, conforme Brasete (2012, p. 218), que:

Com a criação desta mulher belíssima, dotada de vida (Bios) e de voz (phone), começa, na realidade, a degradação da Humanidade: como figura arquetípica do gênero feminino, Pandora origina uma raça maldita, mas imprescindível ao homem (Th., 588-591). Ela é concomitantemente a mulher original e a origem da mulher. Pandora foi criada não como uma dádiva de Zeus, mas sob o desígnio de punir a Humanidade.

Pandora foi, na sequência, enviada a terra, supostamente, com uma caixa (em algumas versões, consta uma jarra) em que estavam concentrados todos os sentimentos

do mundo e, apesar das advertências de Prometeu, o seu irmão, Epimeteu, “o imprevidente” ou “aquele que compreende depois”, toma-a como esposa. Encantado com a bela jovem, ele abriu dita caixa e deixou escapar a alegria, o medo, a tristeza, a dúvida, o egoísmo, enfim, todos os sentimentos que alegram ou desesperam o ser humano, exceção feita à esperança. De qualquer forma, à Pandora associou-se à disseminação dos males do mundo, ademais, com ela, surge a necessidade do trabalho, uma vez que, até então, os homens viviam em harmonia com os deuses. De acordo com Brasete (2012, p. 219), Pandora, que fora criada

à semelhança das deusas imortais, é uma representação factícia da vida cultivada que assegura a continuidade da civilização, mas sempre através do trabalho penoso. Como mulher, espelha as dádivas divinas (Afrodite, Hera e Atena), mas não passa de um simulacro que corporiza simbolicamente a tríade fundamental das atividades humanas: o sacrifício, o trabalho (agrícola) e o casamento.

Dessa forma, Pandora, na mitologia helênica, assume papel análogo ao vivido por Eva, no Cristianismo: ambas são responsabilizadas pelas dores do mundo, pelo sofrimento, pelo trabalho, pelo sustento que vem do suor, do cultivo da terra, pondo fim a um período de harmonia entre o humano e o divino.

Do ponto de vista histórico, traçando-se uma linha em que se pondera sobre a condição feminina, ainda é possível recorrer à figura de Malinche, a índia asteca, que desvendou os segredos de sua tribo ao colonizador espanhol Cortez, o que levou à dizimação daquela tribo ameríndia, saqueada pelo invasor².

Em estudo que tematiza o feminismo e as questões de gênero na América Latina, Ribeiro (2013, p. 2) elenca algumas análises feitas por diferentes críticos a respeito da personagem histórica La Malinche, que se converteu ao Cristianismo e adotou o nome de Marina.

Para Todorov, Dona Marina é crucial como intérprete e intermediária, e sem sua colaboração a conquista do México seria irrealizável. Para Greenblatt, ela é a única pessoa capaz de entender as duas culturas, a dos europeus e a dos indígenas e, naquele momento, a língua era necessária para que a comunicação fluísse entre ambos. Francisco Lopes de Gómora a representa como escrava que ganhou liberdade de Cortez para ser colaboradora da coroa espanhola, pois quando Cortez soube que Dona Marina era bilíngue, logo a trouxe para junto de si; as crônicas e os códices indígenas a representam também como intérprete e algumas tradições populares, como a Virgem. Para o historiador oficial de Cortez, Bernal Díaz de Castillo, Dona Marina era de

² Versão disponível em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/astecas-e-espanhois-1-hernan-cortez-e-o-imperio-asteca.htm>, último acesso em 21 jun. 2017.

origem nobre e o membro mais importante da comunidade indígena depois de Montezuma. Além de ser intérprete, Dona Marina trabalhou pela conversão dos indígenas ao cristianismo; o evento mais importante, descrito por Castillo, é a traição de Dona Marina, pois esta denuncia a conspiração de Cholula, o que leva Cortez a uma ação violenta contra os indígenas que foram mortos barbaramente.

De qualquer forma, parece lícito afirmar que cabe à figura da mulher, escrava, índia, o papel de traidora de seu povo, contribuindo decisivamente para a vitória do invasor sobre os aborígenes, que representam, neste sentido, a sua própria gente. Eis um novo papel concedido à figura feminina, a imagem da traição, que se encontrava inferido na figura de Eva, que traíra a confiança de Adão, e de Pandora, que traíra, propositalmente, a inocência de Epimeteu.

Quanto à literatura no Brasil, um dos exemplos paradigmáticos desse constante jugo feminino pode ser rastreado em *Iracema*, romance romântico de José de Alencar, que narra a história da índia Iracema, que se apaixona pelo português Martin. A filha de Araquém, da tribo dos tabajaras, deveria manter-se virgem porque detinha o “segredo da Jurema”, uma bebida mágica que era usada nos rituais religiosos da sua gente. Apaixonada pelo elemento invasor, Martin, Iracema trai a confiança da tribo, prepara a bebida e oferta-a ao português. Entorpecido, o homem imagina possuir a jovem tabajara, o que, de fato, acontece. Quando acorda, Martin torna-se seu esposo, Iracema está grávida.

Ei-lo que volta à terra natal, abraça sua velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amores infantis. Mas por que, mal de volta ao berço da pátria, o jovem guerreiro de novo abandona o teto paterno e demanda o sertão? Já atravessa as florestas; já chega aos campos do Ipu. Busca na selva a filha do pajé. Segue o rastro ligeiro da virgem arisca, soltando à brisa com o crebro suspiro o doce nome: — Iracema! Iracema!... Já a alcança e cinge-lhe o braço pelo talhe esbelto. Cedendo à meiga pressão, a virgem reclinou-se ao peito do guerreiro, e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem. O lábio do guerreiro suspirou mais uma vez o doce nome, e soluçou, como se chamara outro lábio amante. Iracema sentiu que sua alma se escapava para embeber-se no ósculo ardente. E a fronte reclinara, e a flor do sorriso desabrochava já para deixar-se colher. (ALENCAR, 2000, p. 25)

A partir daí, Iracema abre mão da sua identidade indígena, segue o caminho de Martin, que passa a lutar com os pitiguara numa empreitada contra os tabajaras, tribo de Iracema. Ao seguir para a batalha, ao lado do fiel amigo Poti, Martin finca uma flecha no chão e trama-lhe uma folha de maracujá. Diante dela, Iracema reflete: “— Ele manda

que Iracema ande para trás, como o goiamum, e guarde sua lembrança, como o maracujá guarda sua flor todo o tempo, até morrer.” (ALENCAR, 2000, p.68)

E, assim, seguiram-se os dias da jovem índia tabajara, que se sentava desde o raiar do sol até o anoitecer a contemplar a flecha que o esposo deixara definindo o limite sobre o qual ela deveria mover-se. Solitária, Iracema deu a luz a Moacir, o filho da dor, que entregaria ao homem branco, seu marido, o homem que a desposara, quando ele retornou das batalhas que empreendera contra a tribo da jovem índia.

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu então como a dor tinha murchado seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá. Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim (...). O lábio emudeceu para sempre; o último lampejo despediu-se dos olhos baços. (ALENCAR, 2000, p. 80)

A índia da tribo dos tabajaras sacrificou não apenas a própria vida, mas a cultura do seu povo, uma vez que o pequeno Moacir, conforme se evidencia, no capítulo de abertura do romance, acabou sendo criado de acordo com os costumes do homem branco, deixando, pois, de conhecer a sua gente, a crença, os costumes da mãe. Observe-se, neste aspecto, que o nome Iracema constitui um anagrama de América, o que permite postular a possibilidade de leitura do romance como uma entrega que se fez da cultura aborígine relegada ao segundo plano, pondo-se em relevo o domínio do homem branco e europeu.

Considera-se que, sob esse pano de fundo, constituíram-se as relações entre homens e mulheres no Brasil, herdeiro da tradição lusa, cristã, conservadora, que legou ao sexo feminino as atividades do lar, assim como os cuidados com o marido e com os filhos e, muito eventualmente, as funções de professora, o que, sob certo aspecto, também implicava um cuidar.

Ainda na seara da literatura nacional, dois exemplos parecem paradigmáticos da condição feminina atribuída pela sociedade branca, europeia, cristã, conservadora. Trata-se dos romances, *Helena*, de Machado de Assis, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Helena, romance publicado em 1876, pertence à fase dita romântica de Machado de Assis, dado que, segundo parte da crítica que se dedica à obra do autor, representaria

a sua preparação para a produção de clássicos realistas como *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Tida como filha bastarda do Conselheiro Vale, que somente a reconhece após sua morte, fazendo-o através de testamento, ela é integrada à família: dona Úrsula, irmã do Conselheiro; Estácio, filho dele; e um amigo da família, Dr. Camargo. Recebida com certas reservas pela tia, Dona Úrsula, adoentada, necessita dos cuidados da moça e ambas acabam acercando-se, nascendo uma relação fraterna. Por outro lado, disposta a aprender a montaria, Helena solicita ao irmão que a ensine a montar a cavalo, em face dos constantes passeios, os dois aproximam-se pouco a pouco, na mesma medida em que Estácio afasta-se de sua noiva, Eugênia.

Nesse ínterim, chega a Andaraí, local em que a família reside, um amigo de Estácio, Mendonça, que se apaixona por Helena e pede-a em casamento para Estácio, que recusa o pedido, enciumado. Após uma longa conversa, Estácio capitula e admite o consórcio matrimonial entre a irmã e o amigo.

Estácio acaba descobrindo, em breve, que Helena não é, de fato, sua irmã, mas filha de dona Ângela, sua mãe, com outro homem, que o abandonara para casar-se com o Conselheiro Vale, que criou Helena como filha. Diante da revelação, Estácio opta por reconhecer Helena como irmã para que ela tivesse acesso aos bens que herdara. Helena, porém, adoece e, na sequência, morre.

À mulher estava interdito o reconhecimento do amor carnal que nutria por Estácio, oficialmente, tido como seu irmão, de tal maneira que assumir esse relacionamento seria impossível diante de uma sociedade que os recebeu como irmãos. Não se concretiza, neste sentido, o ideal romântico, tão em voga, que valorizava a realização do casamento, o final feliz para os jovens enamorados. Impensável, por seu turno, viver maritalmente, ainda que afastados da pequena urbe em que eles moravam, não se concebia, naquele período – e, por vezes, nem em períodos mais recentes – que um homem e uma mulher coabitassem um mesmo lar, na condição de marido e mulher, sem as sagradas benções do sagrado matrimônio.

São Bernardo, romance de Graciliano Ramos, publicado em 1934, pertence ao chamado Neorrealismo de 1930, apresenta Madalena como a esposa escolhida com cuidado por Paulo Honório, o dono da fazenda São Bernardo, para ser a mãe de seus filhos. Ela é professora primária e claramente posiciona-se contra as injustiças sociais e procura ajudar os trabalhadores da fazenda, estabelecendo-se o conflito entre o casal. Ademais, a sutileza, a polidez, a qualidade lingüística de Madalena exasperam Paulo

Honório, a sua bondade e a sua inteligência não são suficientes para vencer o autoritarismo, a rudeza do marido. O suicídio aparece como solução. Ao tentar posicionar-se contra o *status quo*, Madalena não encontrou forças para uma reação, o seu aniquilamento é revelador de um estereótipo que caracteriza o universo social brasileiro que centraliza as decisões de toda ordem na mão do macho.

No Rio Grande do Sul, ademais, sob o influxo da doutrina positivista de Augusto Comte, adotada por Julio de Castilhos, a mulher ainda parece ter sido mais subjugada.

A mulher tinha que ser submissa, pois existia todo um condicionamento moral e simbólico que determinava suas ações. Ela não possuía alternativas, se não fosse mãe dedicada e esposa obediente, cairia em profunda desgraça e o seu erro não seria perdoado. Carregaria a eterna mácula de ter saído dos padrões considerados normais pelos positivistas. Sua consciência e a sociedade sempre a condenariam por ter perdido seu estado de pureza. A sociedade era mais condescendente com o homem (...). O fato de possuir amantes ou de levar uma 'vida alegre', em muitos casos, era simplesmente ignorado pela sociedade. Era o resquício de uma dupla moral existente desde o Brasil colonial, que por um lado reprimia e vigiava a mulher e por outro, dava liberdade e tratamento diferenciado ao homem. (ISMÉRIO, 1995, p. 30)

Ainda que se registre a presença de poetisas no período anterior à Revolução Farroupilha, como é o caso de Delfina Benigna da Cunha, a cega; ou durante os primeiros anos de atuação do Partenon Literário, fundado em Porto Alegre, em 1868, como Luciana de Abreu, Ana Eurídice, entre outras, sendo ainda possível mencionar o romance *A divina pastora*, de Caldre e Fião, publicado em 1847, de acordo com Zilberman (1992, p. 145):

Antes dos anos 70 [do século XX], poucas foram as escritoras atuantes no Rio Grande do Sul (...). Lila Ripoll, a partir da década de 40, na poesia, e Lara de Lemos, depois dos anos 50, foram das poucas escritoras que o Estado leu, até a afirmação da prosa de Tânia Faillace.

Por sua vez, as duas personagens paradigmáticas da literatura produzida no Rio Grande do Sul, Ana Terra e Bibiana Cambará, de *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, tidas como modelo de referência da mulher gaúcha, têm sido questionadas em sua condição feminina, haja vista o realce de suas qualidades "masculinas" que se sobressaem ao assumir o status de comandantes de suas respectivas famílias (ALMEIDA, 1996).

Contudo, em 2005, foi lançada uma novela, denominada *Quatro negros*, ainda que contada sob a perspectiva de um narrador masculino, urbano, branco, a sua

novidade é dar vez a uma mulher, negra, oriunda do meio rural e o grande mote do seu enredo está centrado no fato de se tratar de uma história real, ficcionalizada por Luis Augusto Fischer, que, no papel da personagem Janéti, apresenta Claudéti, oriunda do interior do Rio Grande do Sul e que, no encontro com o escritor, trabalhava em uma escola da região metropolitana da capital do Estado.

De acordo com Meneghetti (2015, p. 212/213, *apud* Schuch, 2017, p. 51)

Compreender uma mulher para além de sua tragédia é mérito, conquista e tarefa de altíssima maturidade de cada homem. [...] porque a psique feminina é maravilhosa: é algo de oceânico branco que sai dos cardinais de cada confim, como um rutilar de cavalos brancos que germina de festa todo o universo.

O presente da narrativa situa-se, pois, em uma escola de periferia, mas, imediatamente, o leitor é conduzido para uma região distante, em que predomina a pobreza, a adversidade geográfica, na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul.

A história da Janete é assim: ela era filha de uma família pobre, interiorana. Mas interiorana de verdade, moradores de lugar ermo, distante. Não sei se tu conheces a região sulina do Rio Grande do Sul, já na vizinhança do Uruguai. O pampa e arredores. A família de Janete morava num distrito de uma pequena cidade interiorana desse mundo (FISCHER, 2005, p 8).

Em face de tanta miserabilidade, ainda há um detalhe a ser acrescentado, um erro na grafia do nome, que envergonha Janete, na verdade, Janéti.

(...) com i no fim, mas sem acento no registro, uma pequena vergonha para ela, porque é português mal escrito, e nem foi problema do escrivão, foi o pai dela que foi lá no cartório, para registrá-la, com o nomezinho da nenê escrito por ele mesmo, num papelzinho fuleiro qualquer. Janéti. (FISCHER, 2005, p. 10).

Ao leitor possibilita-se reconhecer o universo circundante da pequena menina inserida nesse ambiente: uma família formada por pais que eram primos e casaram-se; a ausência de horta em volta da casa para fosse possível prover a família de algum tipo de alimentação que não fosse a carne resultante do abate de gado ou as frutas que, por ventura, a natureza ofertasse. Considerando que o narrador oferece informações sobre a sua origem, ele procede da região colonial do Rio Grande do Sul, parece-lhe impossível, por exemplo, que a família não crie galinhas para a própria alimentação, optando,

sempre que possível, pela carne de gado, algumas poucas cabeças criadas em solo infértil.

Janéti, a primogênita, foi dada para adoção, mas contrariou os desígnios que lhe haviam sido impostos e voltou, mais de uma vez, para casa, viu os irmãos nascerem, conviverem em casa por poucos meses e, paulatinamente, serem dispersos, entregues para estranhos, na esperança que eles sobrevivessem e formassem uma nova família, quicá, com melhor sorte. Acompanhou-os a uma distância previdente e manteve, em seu coração, o ideal de uma família.

E a Janéti dava um jeito de permanecer com os pais. E dava um jeito de estabelecer laços com os irmãos que iam sendo espalhados pela geografia, pela singela pobreza conhecida. Mansa, agradecida sem dizer, Janéti soube ser o pivô de uma família que não queria existir (FISCHER, 2005, p. 32).

As dificuldades familiares, porém, aumentavam e, premidos pela situação, após o nascimento do sétimo filho, os pais de Janéti tomaram a decisão de migrar para a área urbana, procurariam parentes que, antes deles, haviam seguido para a região metropolitana. No dia anterior à partida, Janéti desaparecera de casa, os pais deram pela sua falta, mas pareceram não se importar, acostumados a labuta diária, a aridez de sentimentos, talvez a ausência da filha fosse um peso a menos para enfrentar na nova vida.

Chegam os pais com a nenê na parada e se preparam para aguardar pelo ônibus, que não tardará (...).

E aí, sem nenhum anúncio, sem alarde, com timidez e silêncio, aparece a Janéti. Aparece a Janéti rebelde e autônoma, trazendo consigo os cinco outros irmãos que haviam sido dados. Os cinco outros, sem faltar nenhum (...). Os cinco, que com ela e a pequena formavam os sete, os filhos do mesmo pai e da mesma mãe (...). Chegam em silêncio, nada dizem, e nada se lhes pergunta.

Chega o ônibus; sobem nele as nove criaturas (FISCHER, 2005, p. 34-35)

O leitor que conheceu a Janéti adulta, no capítulo inicial, como uma trabalhadora em ambiente escolar, reaparece, então, no terceiro capítulo, há uma mulher, que, oriunda do espaço do espaço rural, conseguiu suplantar as suas origens, as adversidades que encontrara, recompor os estilhaços de uma família, no sentido de pai, mãe e irmãos, e que, no espaço urbano, concedeu uma dignidade mínima aos genitores, foi mãe de duas meninas – ainda que não se saiba quem é o pai delas - e esforçou-se por afirmar-lhes a identidade campeira – que foi rejeitada, menosprezada pelas duas

adolescentes criadas de acordo com os costumes citadinos. Pelo seu esforço pessoal, encontra-se uma Janéti que superou o universo que se delineava para ela um meio inóspito, hostil, que lhe fora legado. Essa Janéti, apesar de uma vida simples que construiu na cidade, transcendeu a miserabilidade que lhe impunham no meio rural, dominado que sempre fora pelo macho viril. Os seus irmãos, talvez pela ausência de uma convivência mais fraterna, dispersaram-se, cada um construiu a sua história, buscou uma profissão, formou a sua família e, ainda que frágil, manteve o vínculo com aquela que mudara as suas vidas e que, de fato, acreditara na fraternidade amorosa.

Janéti é mulher, ela nasceu em uma sociedade cuja característica marcante é o patriarcado e que se acha ainda sob forte influência da tradição positivista, para qual a mulher deveria assumir dois papéis: “o papel doméstico e materno, obedecendo às reputadas leis da natureza” (ZILBERMAN, 1985, p. 77); Janéti é negra, em um território cujo fluxo migratório mais incisivo foi marcado pela imigração europeia, de tez clara, olhos claros, ela ainda é proveniente, conforme observa o narrador, de uma região em que emergiu um tipo de negro triste, afeito à dura lida nas charqueadas: “os negros dali são retraídos, são mais do que simplesmente quietos” (FISCHER, 2005, p. 15), pois, apesar disso, Janéti opta pela vida, pela sua vida e, como corolário, ela escolhe a vida para aqueles cujos vínculos sanguíneos unem-na, concedendo-lhes liberdade para que cada um, mais tarde, trace a sua própria trajetória. Observe-se, contudo, que as suas ações não são pautadas pelo heroísmo dos heróis da batalhas de outrora que marcaram o pampa, quiçá, Janéti ainda conserve o apego à terra de seus pais, o que se destaca nela, porém, é a capacidade de luta, de superação às condições que se lhe apresentaram, em vários aspectos, desfavoráveis.

Janéti, contra tudo e contra todos, é senhora das suas decisões, assume as rédeas que o destino teima em retirar-lhe. É interdito ao leitor o presente de Claudeti, a mulher de carne e osso que inspirou o narrador, mas, na novela em estudo, há a coragem e a determinação da menina, proveniente de uma terra de negros tristes, de um meio físico hostil, de uma sociedade excludente e patriarcal, que construiu um futuro para si e para os seus: “(...) no fundo do ônibus; ela está cercando sua família, protegendo-a, dizendo com o seu corpo que tudo vai dar certo.” (FISCHER, 2005, p. 109) Cumpre, aqui, ressaltar que, entremeada à história de Janéti, estão as vidas de “seu” Sinhô, um negro velho e sábio, que acompanha o mundo por um velho rádio; Airton/Jorge, irmão de Janéti, que, no meio urbano, rapidamente, desgarrou-se da família e que acaba

morrendo, além de Rosi/Rosa, a irmã mais nova, uma diarista, gorda e sem dentes, que apenas sorri diante das contingências da vida.

Um dado interessante que surge no comportamento de Janéti, desde a mais tenra idade, é a sua total independência diante dos valores, das imposições feitas pelos pais ou pela incipiente sociedade em que está inserida. Janéti parece liberta da díade que se constrói com o nascimento entre mãe e filha, tanto que não há atitudes da mãe que obliterem as ações da menina, não há censura, ou porque falta discernimento ou porque essa mãe entende que a filha tem uma vida própria, que não lhe pertence – poder-se-ia ainda cogitar que Janéti não se preocupa em atender às posições, às ideias, às determinações da família e da sociedade, liberta-se dos estigmas e age por conta própria, senhora dos seus sentimentos, em busca da sua realização. Schuch (2017, p. 105) observa:

É assumindo valores impostos por quem ama e é amada que a criança começa a dissociar-se de sua unidade intrínseca. Assim sendo, a substituição do critério de avaliação da tendência interna natural pelo critério de avaliação de outra pessoa, ou outras pessoas que lhe são importantes, que a criança desequilibra a sua unidade e a autenticidade pessoal.

(...) a criança, para satisfazer essa necessidade, na maioria dos casos, precisa cumprir o gosto, a vontade e as normas de outra pessoa da qual depende, por exemplo, da mãe. Caso não obedeça, recebe o título depreciativo de criança desobediente ou má.

Não se pode, porém, comparar Janéti, pura e simplesmente, a mais um animal surgido naquele meio inóspito, ela tem sentimentos, ela é movida pela afetividade e isso, por si só, diferencia-a de um animal irracional, de modo que se faz pertinente entendê-la como um ser humano que transcendeu critérios de censura e desaprovação e que, como tal, luta pela satisfação do seu projeto de vida e daqueles que lhe parecem merecedores de sucesso.

O desenvolvimento de alguém faz-se pelas pequenas vitórias e pela superação de eventuais derrotas, a pessoa não pode ser submetida apenas as derrotas. Dessa forma, compreende-se que ninguém se faz sozinho, o homem é um ser social, todos viemos de um princípio universal e é esse princípio que nos faz (...) uma potencialidade única. (SCHUCH, 2017, p. 107)

Por outro lado, não se pode olvidar que se Janéti (ou, como se queira Claudéti, a pessoa, que inspirou a criação da personagem) tivesse nascido e sido criada no seio de uma família tida como convencional, em que se fortalecem os vínculos de afetividade, de partilha e que, a partir daí, fossem lançadas bases para o seu desenvolvimento

pessoal e profissional, as suas oportunidades de sucesso seriam maiores. O que se quer chamar a atenção, entretanto, é a vocação para o sucesso que emana da personagem, a determinação para alcançar os seus objetivos – que, evidentemente, tivessem sido objeto de um trabalho mais efetivo poderiam levá-la a superar outros obstáculos e a conquistar outras posições, ainda assim, fazem-na merecedora de uma história, que, conforme anuncia o narrador, no início da novela: “Uma história que não tem cabimento de tão linda, de tão extraordinária”. (FISCHER, 2005, p. 7)

Compreende-se, neste sentido, que a narrativa de *Quatro negros* pode constituir mote desencadeador para a reflexão sobre a capacidade intrínseca a cada ser humano, segundo defende Meneghetti (2007a), para a autorrealização e que se evidencia pela capacidade de ser feliz. Assim posto, a escola surge como espaço privilegiado para tal e as aulas de literatura, sobretudo, no primeiro ano do ensino médio, configuram espaço ímpar, haja vista que os alunos são postos diretamente em contato com uma ciência que lhes era desconhecida, a Literatura, e passam a conhecê-la em sua estrutura e funcionamento. Após estudarem parte da história da Literatura, eles passam a manusear conceitos de rima, métrica, ritmo que os leva a compreender o poema e, na sequência, lidam com um instrumental teórico que embasa as análises de crônicas, contos, novelas e romances. Neste aspecto, sabe-se que novelas são narrativas curtas e, no caso de *Quatro negros*, feita em linguagem coloquial, acessível, portanto, à média dos alunos de ensino médio.

Entendendo-se que o pedagogo, conforme percepção de Meneghetti (2007b, p. 18), é aquele que se ocupa de coadjuvar o indivíduo à sua realização, promovendo a mediação entre o projeto vital do sujeito e as formas para realizá-lo, avalia-se que a inserção desses estudos em escolas da educação básica, mais especificamente, no ensino médio, preparando equipes pedagógicas e professores de Literatura para que instrumentalizem as suas alunas, propiciando-lhes empoderamento para, no futuro, realizarem, com sucesso, o seu projeto de vida, torna-se viável e que, além disso, a novela *Quatro negros*, entre outros tantos mecanismos disponíveis para despertar o interesse do educando, possa representar uma forma de provocar a tomada de consciência sobre o papel de mulher, inclusive, porque, ao longo das séries seguintes, as mesmas alunas deparar-se-ão com figuras femininas, postas em papéis principais de romances, novelas e contos, via de regra, como dependentes de pais, maridos ou, como se mostrou no caso de *Helena*, de romance homônimo, ou de Madalena, de *São*

Bernardo, optando pela morte, pela impossibilidade da realização daquilo que pleitearam como mulheres livres para atuarem no mundo.

Diante do exposto, considera-se factível a introdução da obra em questão no processo de formação continuada dos professores da rede estadual de ensino em municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana, na região central do Rio Grande do Sul. Pleiteia-se que, ao longo de um semestre, a novela de Fischer seja lida pelos professores atuantes nas mais diversas disciplinas e pelas equipes diretivas das escolas, podendo ser pauta de debates com professoras não pertencentes às referidas escolas, mas que sejam formadoras de líderes. Na sequência, *Quatro negros* integrar-se-ia a um seminário voltado para a formação continuada desses professores, sem diferenciação de sexo e/ou gênero, em que se discutiriam os atributos positivos e negativos de Janéti, a personagem principal, abrindo-se espaço para as demais figuras que se sobressaem na narrativa, como é o caso de “seu” Sinhô, Rosi, Jorge/Airton. Em grupos menores, os professores interagiriam a partir de estudos propostos pela equipe de formação centrados, nesse caso, exclusivamente, nas características de Janéti, como a líder que se formou em ambiente inóspito, inadequado até mesmo para a sobrevivência humana e que, sob certo aspecto, foi responsável por uma redenção familiar, garantindo que, por algum tempo, fosse-lhes permitido viver sobre um mesmo teto e estreitar vínculos.

A partir disso, na esteira dos estudos de Schuch (2017), operar-se um processo de coadjuvar esses indivíduos, professores e, especialmente, professoras a reconhecerem possibilidades de realização do seu projeto de vida vencedor, sem boicotes daqueles preconceitos e mitos advindos da sociedade, que as impeliu para menosprezarem a sua capacidade, o seu protagonismo. O passo seguinte representa a inserção da obra nos estudos de Literatura nas escolas entre as turmas de primeira série do ensino médio e, para além de questões estruturais do saber literário, propiciar uma discussão que mobilize as estudantes para o reconhecimento de si mesmas, das suas potencialidades. Assim sendo, pelo viés da Literatura que se quer problematizadora da realidade, capaz de instigar os sujeitos à formação de uma consciência social cidadã, seria possível introduzir uma reflexão mais ampla, que minasse um conceito arraigado, intrínseco às relações sociais, escolares, intra-familiares e que tem subjugado a mulher.

3 CONCLUSÃO

A arte literária não é rica apenas por criar textos e contextos que permitam ao leitor adentrar universos que lhe são novos e, por vezes, interditos. Realçando a importância da sociedade que se torna elemento da tessitura narrativa, Candido (2000, p. 7) entende que essa sociedade imiscui-se na obra na medida em que “o elemento social [configura-se] como fator da própria construção artística”. Assim sendo, a Literatura é problematizadora das questões inerentes à convivência em sociedade, de tal forma que a dominação a que a mulher tem sido objeto ao longo dos séculos é parte do seu cabedal de reflexão e/ou reduplicação.

Os diversos feminismos que emergiram ao longo dos anos – e que, em virtude do espaço textual, foram alijados da reflexão neste ensaio – trouxeram à cena a mulher como protagonista quer seja do meio em que se insere, quer seja como personagem que povoa romances, novelas, contos, ganhando relevância, por exemplo, as produções de Clarice Lispector e Lya Luft – que se considera passíveis de análise na proposta apresentada, permitindo ponderar a liberdade, a emancipação, o protagonismo atribuído à mulher na contemporaneidade.

No presente estudo, recuperou-se parte da trajetória que relegou a mulher a um papel secundário e como essa compreensão repercutiu na tradição literária pátria desde o Romantismo, no século XIX, alcançando movimentos que se propunham renovadores como o Modernismo, em especial, a chamada geração de 30, que inclui o romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Em continuidade, o foco recaiu sobre a literatura produzida no Rio Grande do Sul, cuja vertente principal tem sido o regionalismo e a valorização da figura masculina, o macho guerreiro, forte, viril, desprezando-se a mulher, mesmo que a própria História oficial já tenha admitido que a província (atual Estado) não sucumbiu durante as revoluções para elas permanecerem nas estâncias, cuidando do gado, da plantação, do feitiço do charque, da educação dos filhos.

Por fim, as ponderações recaíram sobre a personagem Janéti, ficcionalização de uma figura humana, de carne e osso, conhecida pelo autor da obra e cujo narrador apresenta em *Quatro negros*. A par de todas as dificuldades impostas pelo meio circundante, pela família, pela sociedade de um modo geral, Janéti é encontrada adulta para contar a sua trajetória de vida, desde as duas adoções, a negação delas, a miséria familiar no interior do Estado, a transferência para a região metropolitana, a existência

de duas filhas, a feérica tentativa pela manutenção dos vínculos familiares e a grande alegria que demonstra por ser a provedora do lar, a mantenedora na velhice dos seus pais. Assim posto, postula-se que a obra seja motivo desencadeador para trabalhar a autorrealização de professores e professoras da rede estadual de ensino, na esteira dos estudos efetivados por Schuch (2017), propondo-se um passo a mais: levar a novela de Fischer para as salas de aula das turmas de primeira série de ensino médio, discutir, a partir dele, os elementos da narrativa, incentivar a leitura e colocá-la como elemento propício para incrementar discussões sobre o protagonismo feminino, de modo a proporcionar que meninas, nas diversas cidades da Quarta Colônia de Imigração Italiana, entendam que são as responsáveis pela consecução dos seus projetos de vida e que elas nasceram vocacionadas para o sucesso.

Além de *Quatro negros* e das obras de Clarice Lispector – como é o caso do conto “O búfalo”- e de Lya Luft, considera-se relevante discutir com as professoras de ensino médio, obras contemporâneas, em linguagem coloquial, de acessível leitura que tragam a mesma temática para que funcionem como leituras articuladoras dessas atividades, promovendo novos debates, enriquecendo eventuais discussões que possam surgir na sala de aula, na escola e para além do ambiente do educandário.

Referências

ALENCAR, J. **Iracema**. São Paulo: Ática, 2000.

ALMEIDA, L. **A sombra e a chama**. As mulheres d’O tempo e o vento. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BRASETE, M.F. A criação da mulher, segundo Hesíodo. **Revista Teografias**. v. 2 p.211- 220. Aveiro: Universidade de Aveiro, Portugal, 2012. Disponível em <<http://revistas.ua.pt/index.php/teografias/article/view/2392/2250>>. Último acesso em 23 jun. 2017

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8.ed. São Paulo: T.A. Queirós, 2000.

FISCHER, L. A. **Quatro negros**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

ISMERIO, Clarisse. **Mulher**: A moral e o imaginário 1889 – 1930. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicologica**. 4. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2007a.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia contemporânea**: responsabilidade e formação do líder para a sociedade do futuro. Conferência desenvolvida em Paris em 13 de junho de 2007 na sede da UNESCO/ONU. Academia Internacional de Informatização (AII), Associação Internacional de Ontopsicologia, Universidade Estatal de São Petersburgo (RU), UNESCO/ONU, 2007b.

RIBEIRO, J.O.S. Estudos culturais, gêneros e feminismo latino-americano. Belém: Revista Margens Interdisciplinar. v. 7, n. 8. p.1-10. Universidade Federal do Pará, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2764>>. Último acesso em 23 jun. 2017.

SCHUCH, M.A. **Mulheres e educação**: um estudo acerca da pedagogia da liderança e da atuação docente em duas escolas públicas do Rio Grande do Sul, Brasil. Santiago do Chile: Tese de doutoramento. Universidad SEK. Em andamento.

VILELA, T. **Astecas e espanhóis**: Hernan Cortéz e o Império Asteca, 2006. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/astecas-e-espanhois-1-hernan-cortez-e-o-imperio-asteca.htm>>. Último acesso em 21 jun. 2017.

ZILBERMAN, R. **Literatura gaúcha**. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, L&PM, 1985.

_____. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.